



## GT 062. Ritmos da Identidade: Música, Juventude e Identidade

João Batista de Jesus Felix (UFT) - Coordenador/a,  
 Carlos Benedito Rodrigues da Silva (Universidade  
 Federal do Maranhão) - Coordenador/a

Socialização e discussão de pesquisas concluídas ou em andamento, enfocando a música e ritmos como elementos de mobilização coletiva, e definição de linguagens e códigos de comunicação: enfoques sobre construção de performances e linguagens corporais entre grupos de juventude nas diversas regiões brasileiras ou mesmo em outros países, a partir das tendências rítmicas veiculadas pelos sistemas midiáticos. Estamos diante um fenômeno bastante interessante, pois, a cada vez maior as expressões artísticas, que eram assumidas como simplesmente formas de lazer, serem assumidas como formas de se expor posições políticas. A arte sempre foi vista como muito perigosa, principalmente pelos governos autoritários, mas ela era entendida como uma extensão, uma maneira a mais dos grupos especializados em políticas (Partidos Políticos principalmente) tinham para demonstrar suas posições. Atualmente existem vários trabalhos acadêmicos que procuram demonstrar que a música, a dança, o cinema, o teatro, têm uma grande autonomia política. Nossa intenção, com instituição deste GT, é dar espaço para conhecermos pesquisas desenvolvidas em todo o território nacional ou estrangeiros, sobre formas de se construir identidades através da música, da dança e do lazer.

### **Os nativos retrucam e a mulher do fim do mundo: a perspectiva pós-colonial nas músicas de Elza Soares**

**Autoria:** Luísa Cerqueira Credi-Dio

Este work trata sobre a perspectiva pós-colonial em quatro músicas dos dois últimos álbuns lançados pela cantora Elza Soares, "Mulher do fim do mundo" e "Maria de Vila Matilde" do disco "Mulher do fim do mundo" e as músicas "Exu nas escolas" e "O que se cala" do álbum "Deus é mulher". De acordo com Grosfoguel (2013), a ciência ocidental e todas suas epistemologias foram consolidadas pela dominação de cinco países: Estados Unidos, França, Alemanha, Inglaterra e Itália, e a partir de quatro genocídios/epistemicídios ao longo do século XVI - contra a população judia e muçulmanas, contra os povos indígenas nas Américas, contra os povos africanos escravizados e contra as mulheres queimadas vivas na inquisição. Para ele, o "penso, logo existo" se deu a partir do "extermino, logo sou". A discussão pós-colonial parte da premissa de que as categorias criadas pela academia ocidental não são universais e põe em questão a subalternidade em que alguns povos são submetidos por aqueles que se consideram de "primeiro mundo", assim a perspectiva pós-colonial busca analisar as consequências do colonialismo e a contestar a hegemonia acadêmica de determinados países. Assim, procuro realizar neste work uma breve análise das músicas selecionadas da Elza Soares relacionando as composições com as discussões pós-coloniais, decoloniais e feministas; para tanto, foi utilizado referenciais teóricos de ambas as áreas, reportagens postadas em blogs e entrevistas com a cantora disponibilizadas no youtube. Como se trata de uma pesquisa de caráter exploratório, procuro fazer uma abordagem textual apontando alguns de seus pontos mais profusos. Em seus works Elza reivindica sua voz enquanto sujeito subalterno, se autorepresenta e toma a posição de uma narração através da agência ativa. Para Maria Lugones, "a transcendência da diferença colonial só pode ser feita a partir de uma perspectiva de subalternidade, de descolonização e, portanto, a partir de um novo terreno epistemológico onde o pensamento de fronteira é exercido" (apud Mignolo, 2000, p. 45). Dessa forma, Elza resiste às formas holísticas de explicação social para criação e resignificação de seus próprios símbolos e signos fazendo da sua arte e sua existência uma forma de resistência política.

[Trabalho completo](#)



**Realização:**



**Apoio:**



**Organização:**

